

Editorial

Leonardo Gomes de Deus¹

Ao contrário do último número de *Verinotio – Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas*, há muito o que comemorar no bicentenário de Marx e no sesquicentenário de seu *Capital*. Criador e criatura rondam a vida mental e política do mundo como uma assombração, a ser combatida todos os dias. Há alguns anos, o *Financial Times* promoveu uma verdadeira cruzada para demonstrar que o livro homônimo de Piketty estava errado e só descansou depois de meses de renhida batalha, nada tendo entendido. Muitos anos antes, a *Economist* empenhara sem sucesso o seu prestígio numa campanha para evitar que Marx fosse aclamado o maior filósofo da história numa eleição mixuruca pela internet. Longe estão os tempos em que Samuelson, Mises ou Simonsen, num nível mais elevado, perdiam seu tempo a carregar essas bandeiras. Marx se tornou um tabu: suas ideias não devem ser estudadas e seus detratores simplesmente se empenham em decretar a falência de seu pensamento, graças a argumentos retóricos de lastimável alcance e com intenções muito duvidosas. Por outro lado, ainda há aqueles que veem na sua obra um guia infalível para a revolução e para a compreensão dos tempos que correm, sem mediações, sem metafísica.

Passarão, enquanto Marx e seu pensamento seguem seu curso, despertam sempre interesse, apesar de toda interdição, e deixam falar os quadrúpedes da hora. Isso se dá por dois motivos, um contingente, outro nem tanto. Em primeiro lugar, o cotidiano de hoje e de há muito revela em cada gesto o apodrecimento da alma humana sob a pele do capitalismo e de suas mercadorias. Basta dizer que as ciências sociais limpinhas de hoje não dão conta das questões mais importantes da humanidade nos dias que correm, de um suicídio infantil à potência atômica norte-coreana: cada ramo da ciência produz um volume inestimável de ideias, mas o objeto resta intocado, misterioso. Em segundo lugar, quando o tempo da honestidade for possível, essa recepção constatará o óbvio: a obra de Karl Marx é uma das mais importantes da ciência econômica, da filosofia e das ciências humanas, é prodígio humano tão importante quanto as pirâmides do Egito, a Capela Sistina, o reator nuclear, o cálculo integral, a revolução copernicana, a teoria da relatividade, a *Divina comédia*, a chegada à Lua, os sermões de Padre Vieira, o *Cravo bem-temperado*, os madrigais de Monteverdi, a psicanálise de Freud. Enfim, uma realização humana imperfeita para a qual devem valer as mesmas regras de rigor e fruição de

¹ Professor da UFMG, editor convidado do Dossiê: 150 anos de *O capital*.

qualquer outra realização que, antes de tudo, esteve na mente de um indivíduo, algo que já enunciamos em outra oportunidade.

Parte da confusão decorre da própria atuação de Marx e Engels, que, segundo Hobsbawm, escolheram as obras que legariam à humanidade. Fora da lista estavam os *Manuscritos de 1844*, *A ideologia alemã*, os *Grundrisse* e tantos outros. A confusão seguinte adveio da atuação dos bolcheviques, com as questões da construção de um método científico correto para a revolução e o partido. Os textos desprezados se converteram em seu contrário. De citação em redescoberta, sempre valeu, na maior parte das vezes, aquilo que Ester Vaisman denominou de “destino trágico do pensamento marxiano”, ou seja, “quanto mais é evocado, menos é conhecido”. Esta a maldição dos dias que correm: toda a liberdade para o estudo e a plena apreciação de nada valem quando se trata de Marx e sua obra. Em verdade, esta não tem as mesmas pretensões de outras de mesmo gênero: ela tem uma imediata perspectiva prática que confunde os leitores e debatedores. No entanto, 200 anos depois, Marx nada pode fazer por nosso tempo, sua obra não é um receituário aplicável aqui e acolá, como pretendem os mais pedestres defensores. Também, eliminá-la do horizonte de leituras nada fará para mudar o curso do mundo.

O presente número de *Verinotio* rende homenagens ao bicentenário fazendo menção ao sesquicentenário. Corre-se o risco evidente de se confundir Marx com sua obra econômica. Se a crítica da economia política fosse a essência do pensamento marxiano, superado o capitalismo, ela se tornaria supérflua. É preciso, entretanto, que reflitamos sobre o momento da apreciação de Marx. Desde a queda do Muro de Berlim, anunciou-se que um Marx desconhecido seria revelado com a publicação da nova edição MEGA, iniciada na década de 1970 e que ganhou fôlego nos últimos 30 anos. Essa publicação passou a ser sintoma do problema, a saber, a falta de uma perspectiva prática acabou por envolver a obra de Marx em mais neblina do que esclarecimento. O lento processo de recepção desses textos tem-se equilibrado entre as novas aquisições e a necessidade de que não se faça tábula rasa de esforços tão cruciais quanto aqueles de Lukács, Rubin, Rosdolsky ou Chasin, para mencionar apenas alguns. A vantagem desses autores sobre nosso tempo é que, no século XXI, não mais existem garantias de que a realidade tenderá para a obra de Marx; a emancipação humana não é construção de poucos anos, está imersa em incerteza, adiada no tempo histórico. Manter a lucidez, portanto, é tarefa mais do que necessária, imperativo de nosso tempo, que, ao menos, permite-nos exercê-la sem os desafios que aqueles autores tiveram de superar. Diante disso, a coleção de textos ora apresentada reúne autores conhecidos do público e outros cujos primeiros passos na vida científica são a garantia de

que haverá muito a pensar e a celebrar nas décadas vindouras; até 2033, vários sesquicentenários, depois de 2040, nova rodada de bicentenários. *Lasciamo dire la gente.*

O presente número tem início com a discussão sobre o chamado “plano de seis livros” para *O capital*, debatido por Carl-Erich Vollgraf, editor de vários volumes da nova MEGA, no texto *O plano de seis livros novamente? Sobre a falta de perspectiva de uma lenda.* O autor polemiza com a noção estabelecida de que Marx teria perseguido um plano de seis livros para sua obra econômica e que só o teria transformado ao longo da redação. Longe de ser questão trivial, a discussão diz respeito não só à lógica de exposição, mas também à completude categorial da obra efetivamente publicada por Marx e Engels.

A escrita de *O capital: gênese e estrutura da crítica de Marx à economia política*, de Marcello Musto, reexamina todo o processo de redação de *O capital*. Desde os *Grundrisse*, passando pelos anos de 1861 a 1863, bem como pelos manuscritos para os livros segundo e terceiro, todos os obstáculos e problemas de redação são examinados pelo autor, até a descrição da redação do Livro I, quando Marx alcança uma forma acabada, ainda que parcial, para sua obra econômica. O texto tem a virtude de examinar, de modo preliminar, os anos que se seguiram à primeira edição ora sesquicentenária, ou seja, trata-se de uma agenda de pesquisa apenas iniciada entre nós e mesmo no mundo: os últimos anos de Marx e suas pesquisas e descobertas.

Os quatro artigos seguintes tratam de problemas específicos da leitura de *O capital*. Mônica Hallak, no texto *Alienação do trabalho em Marx: dos Manuscritos de 1844 a O capital*, examina um dos temas mais importantes da filosofia marxista, tal qual aparece em *O capital*. A autora defende a tese de que a obra de maturidade é a consolidação e o desenvolvimento do tema formulado nos anos iniciais de Marx. Para além dos recortes de talhe epistêmico e parciais, a autora demonstra a centralidade da categoria e, ao mesmo tempo, a continuidade entre filosofia e economia na obra marxiana, ela mesma estranha a clivagens desse gênero. O segundo texto, *Disciplina e mais-valia: os germens da reificação no Livro I de O capital*, de Ranieri Carli, examina tema conexo, a reificação, tal qual aparece no livro primeiro, mas também como pode ser pensada diante das mutações por que passou o objeto marxiano nesses 150 anos. Em seguida, com o texto *Os esquemas de reprodução de Marx e o dogma de Smith*, Fred Moseley desmonta a um só tempo a perspectiva neorricardiana em relação ao livro segundo e, também, certas leituras equivocadas a respeito da terceira seção do Livro II, tornadas dogma no século passado. Em quarto lugar, no texto *Lucro, taxa e tendência nos manuscritos inéditos de O capital*, em coautoria com Bovick Wandja

Yemba e Lucien André Regnault Marques, trato de um dos temas mais importantes do marxismo contemporâneo, a tendência de queda da taxa de lucro, tal qual desenvolvida, ao longo dos anos, em diversos manuscritos. Trata-se de resgatar a construção de categorias que, em geral, têm sido exploradas de maneira simplista e apressada, enquanto aparecem de modo prudente nos manuscritos marxianos, bem como na própria edição póstuma de Engels.

Isso posto, o novo número de *Verinotio* ainda oferece ao público uma série relevante de textos a propósito de vários elementos da obra marxiana. Em primeiro lugar, no texto *A coupure* como segredo do entendimento e o desentendimento das categorias: Althusser e a cientificidade de Marx, Antonio José Lopes Alves, a partir de uma crítica à leitura althusseriana de Marx, descarta uma fundamentação epistêmica para a obra marxiana, fazendo emergir precisamente o estatuto de cientificidade correto desta obra, fruto da regência do próprio objeto e não de uma escolha metodológica. Em seguida, no texto *La relevancia contemporânea de Marx*, Claudio Katz apresenta um vasto panorama das categorias marxianas à luz de nosso tempo, desde exploração até a crise do mercado mundial, para arrematar com uma crítica do ideário burguês contemporâneo.

Os dois textos seguintes apresentam, por sua vez, a crítica marxiana do direito. Vitor Bartoletti Sartori, no texto *Marx e Hegel: três momentos da crítica marxiana ao direito*, examina a crítica a Hegel, a crítica a Proudhon e, finalmente, a Austin e Bentham como momentos da conformação de Marx como crítico do direito e, em especial, de seus teóricos apologetas e acrílicos, perspectiva que no tempo de Marx era apenas nascente e se tornou hoje hegemônica. Em seguida, Pablo Biondi, em *Fetichismo, ideologia e direito em O capital: conexões e implicações teóricas*, propõe a tese de que fetichismo e ideologia se manifestam, no capitalismo, como ideologia jurídica ou, por outra, que o percurso analítico de fetichismo e ideologia pode ser mais bem compreendido por meio de sua manifestação de ideologia jurídica.

Finalmente, este número de *Verinotio* se encerra com dois textos de autores promissores, ambos ligados à história. Gustavo Machado, em *O papel da história no modo de exposição de O capital de Marx*, examina a dimensão histórica das categorias da obra marxiana principal. Trata-se de explicitar como as incursões marxianas nas formas que antecederam a sociedade capitalista têm o papel de explicitar precisamente a especificidade da forma de produção e apropriação capitalista, o que permite o descarte de uma perspectiva meramente lógica para as categorias da obra marxiana. Por outro lado, Bruno Prado Prates, em *Breve histórico das recepções de O capital no Brasil (1867-1917)*,

reconstrói o itinerário de *O capital* no nosso país, desde a Escola de Recife até as abordagens dos primeiros anos do movimento operário e da militância comunista.

O diagnóstico sobre os primeiros anos de *O capital* entre nós continua, com as modificações evidentes, o mesmo: há que se ler e estudar essa obra, para além dos preconceitos do momento, a despeito de todo ceticismo e toda ignorância. Esta a tarefa a que este e todos os números de *Verinotio* se impõem.

Além dos artigos indicados e comentados acima, que constituem precisamente o dossiê comemorativo dos 150 anos de *O capital*, a presente edição traz também a importante contribuição de autoria de Thiago Macedo Alves de Brito, cujo título é *O jovem Engels e a crítica da economia política*. Alves de Brito pretende demonstrar a importância da obra crítica do jovem Engels tanto para a formação teórica de Marx como para o marxismo em geral. De fato, ainda que o artigo tenha se debruçado sobre o legado engelsiano, contribui também para o debate ensejado pela *Verinotio*, na medida em que, ao considerar Engels figura de fundamental importância para todos aqueles que pretendem compreender a dinâmica da sociedade capitalista, desenvolve análise perspicaz dos textos do autor em tela. Com isso, desempenha papel relevante no resgate daquilo que Engels efetivamente pensou e escreveu, para além das atribuições das interpretações mais apressadas e superficiais a respeito.

Boa leitura!